

## RESENHA DO LIVRO *DAMA GUIA*, DE JEFFERSON NOVAIS

Rogério Makino<sup>1</sup>  
(UNEMAT)

A descrição-propaganda da editora sobre o livro é que se trata de um permanente diálogo entre duas personas do subconsciente de um menino, diante das desilusões e dos desafios da vida. A primeira persona é o Vagabundo, que representaria a subjetividade racional, mas também a dimensão humana. Já a segunda persona, a Dama, representaria a consciência, a vivência e o místico, mas também o homoerotismo. A Dama guiaria a jornada do Vagabundo.

Esse livro é o primeiro (e, por enquanto, o único publicado) pelo autor mato-grossense Jefferson Novais, jovem acadêmico de

---

<sup>1</sup> Professor Substituto da Área de Humanidades na UNEMAT/Tangará da Serra. Doutor em Ciências Sociais UnB.

Direito, nascido em Nortelândia e residente em Arenópolis. Conforme a descrição oficial pela editora, algumas das inquietudes e das reflexões apresentadas no livro têm inspiração autobiográfica.

O texto alterna entre prosa – em linguagem poética – e versos – alguns rimados e outros livres. A estrutura básica, mas não única, é a de alternância entre as vozes das personas da Dama e do Vagabundo. A maioria das frases tanto na prosa quanto nos versos é curta e o léxico, em geral, simples, predominando os substantivos, não recorrendo a vocábulos pedantes e/ou academicistas. Essa escolha de vocabulário é compatível com a intenção declarada de retratar a mente um protagonista “menino”, que está em processo de amadurecimento. Em relação aos versos rimados, alguns estão sob a forma de diálogos entre a Dama e o Vagabundo, o que remete a um estilo shakespeariano, mas nem todas as rimas transmitem espontaneidade ou naturalidade, parecendo, em algumas passagens, atender mais a uma questão formalista. Embora o livro tenha apenas pouco mais de cem páginas, em algumas delas há apenas uma única frase escrita, representando ora a voz da Dama, ora do Vagabundo.

Em função da ênfase na dimensão psicológica do texto, ou seja, como não se trata de uma narrativa linear, não é possível identificar claramente o tempo e o espaço no qual se desenrolam os pensamentos do personagem, embora haja referências avulsas a lugares (como a França, no poema de abertura). A maior parte das referências a lugares e tempos são inespecíficos e genéricos (terras distantes, noite de luar, etc), pontuados com algumas lembranças da infância. Além disso, não é possível perceber uma trajetória linear de amadurecimento a ponto de distinguir o antes e o depois do personagem, pois o texto descreve justamente um momento de conflito interno que ainda está por se resolver.

O texto, expressão dos pensamentos do personagem-autor, parece se organizar de forma caleidoscópica e fragmentária. É

possível que o autor queira dar naturalidade ou verossimilhança ao pensamento do personagem, pois quando as pessoas pensam geralmente passam de um tema a outro, confundem-se, colocam-se em posições contrárias, avançam e retrocedem em ideias e, como todos os humanos, não estão imunes a contradições. Um exemplo são as referências no texto, de um lado, a uma vontade de livre arbítrio e, por outro, ao uso de expressões como “predestinado” ou “maktub”, pressupondo a insegurança ou autocomplacência diante da inexorabilidade do destino.

Em termos de conteúdo, o cerne da obra refere-se às inquietudes manifestadas principalmente pela persona do Vagabundo, que expressa sua angústia, oscilando entre sentimentos ambivalentes, enquanto a Dama replica com respostas, às vezes, vagas. De certa forma, as inquietudes do personagem são recorrentes na sociedade contemporânea ocidental: o imperativo da felicidade, a busca pela aceitação e pelo reconhecimento (não sofrer intolerância ou preconceito), a procura pelo sentido da vida, o sofrimento diante da incerteza de que os seus desejos poderão ser satisfeitos e a vontade de amar e ser amado.

Sobre a aceitação social, simpatiza-se com a religiosidade e com Deus, mas se questionam as religiões e os religiosos e a intolerância deles derivada: “Religião é contradição/Deus é união”, “Jesus não julga/Ama as putas/Transforma em vinho/Embebeda se for preciso” (sem numeração de página). Essa posição é compreensível, levando-se em consideração a orientação sexual do personagem e o contexto socio-histórico em que o livro foi escrito, de radicalização de discursos que condenam a diversidade sexual por parte de algumas igrejas cristãs.

Nesse sentido, a homoafetividade do personagem aparece de forma discreta, expressa principalmente no temor e na inconformidade diante de atitudes e ameaças homofóbicas sofridas na infância, mas também ainda no cotidiano: “Hoje levei grande susto ao caminhar pela rua. Fui tido como

indigente, veado no meio da gente. (...) Já não basta em casa, onde todos os dias, coloco a minha máscara de sobrevivência, para não ser agredido por meu pai” (sem numeração de página). Curiosamente, embora o autor seja negro, a temática do racismo não tem o mesmo destaque que a da homofobia, aparecendo de forma mais genérica e indireta, muitas vezes inclusas em hiperônimos como “intolerância”, “ódio” e “preconceito”. No texto, a palavra “veado” é mais frequente que as palavras “preto” ou “negro”.

A descrição oficial do livro indica a relação entre duas personas do subconsciente, que poderiam ser tratadas como “personagens distintos que compõem um só ser”, mas parece que é esse “um só ser” que se sobressai em alguns diálogos. Na realidade, alguns desses diálogos soam mais como um mesmo monólogo recitado por dois atores que se alternam na fala ou como em um jogral: a fala da Dama parece ser a continuação da fala do Vagabundo e vice-versa. Nesse sentido, a Dama não parece estar guiando o Vagabundo (o que contrasta com o título do livro), mas parece mais a sua copilota.

O livro tem alguns pontos interessantes. O primeiro é a própria curiosidade que desperta textos que refletem angústias pessoais ou que tenham um viés autobiográfico, especialmente se tratando de um autor oriundo de uma cidade pequena do interior, ambiente, muitas vezes, subestimado quanto aos seus talentos, criatividade e experiências. O segundo é o ecletismo em relação ao estilo, alternando entre prosa e verso e entre verso livre e rimado, embora nem sempre as rimas pareçam orgânicas. E, por fim, a ideia em si de flertar com personas distintas do subconsciente para expressar as angústias e outros sentimentos, a priori, é profícua. No entanto, o potencial da relação da Dama e do Vagabundo está longe de ter se esgotado nesse livro, abrindo a possibilidade para amadurecimento e adensamento da interação em uma segunda obra, se for a intenção do autor.

## Referências

NOVAIS, Jefferson. *Dama Guia*. Editora Viseu LTDA – ME, 2018. (versão digital)

Recebido em 01/06/2019

Aceito em 30/06/2019